

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Ivone Ribeiro da Silva

MARINGÁ

2011

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

Ivone Ribeiro da Silva

Trabalho apresentado por IVONE RIBEIRO DA SILVA como requisito parcial para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

ORIENTADORA
Prof^ª. Dr^ª. HELOISA TOSHIE IRIE SAITO

MARINGÁ
2011

IVONE RIBEIRO DA SILVA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Heloísa Toshie Irie Saito (orientadora)- UEM

Profª Drª Marta Chaves - UEM

Profª Msª Maria Christine Berdusco Menezes - UEM

Maringá, 18/11/2011

“Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva.”

(Ana Maria Machado, História “Menina bonita do laço de fita”)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus** por tudo que tem proporcionado à minha vida, à minha saúde e a força que me dá para superar os obstáculos diários.

Aos **meus pais, Judith e Olivino** e aos **meus irmãos**, os quais me mostraram que a educação é o melhor caminho, e que em todos os momentos difíceis estiveram sempre ao meu lado.

Ao **meu marido Giovane**, que nos quatro anos de curso entendeu minha ausência, e com amor cuidou da nossa filha, o bem mais precioso que possuo.

Ao esse bem precioso, a **nossa filha Ana Rita**, que mesmo tão pequena me apoiou neste projeto que versa sobre o que ela mais gosta de fazer - ouvir histórias.

Às **minhas colegas do curso de Pedagogia** ao **Grupo de Estudos em Educação Infantil**, agradeço o companheirismo, amizade, momentos de estudos e pelas tantas risadas que demos juntas e por terem contribuído e dividido saberes e vivências excepcionais que fizeram rica cada experiência vivida durante esses anos.

À **Profª Drª Marta Chaves** que deu a oportunidade de levar meu trabalho de contadora de histórias ao convívio de muitas crianças.

Aos **amigos** que fizeram, mesmo que não por muito tempo, com que eu esquecesse as preocupações do curso, deixando a mente leve para continuar em frente.

Aos **professores da Universidade Estadual de Maringá**, pela atenção, compreensão, empenho e compromisso ao nos passar seus conhecimentos.

Em especial à **Profª Drª Heloísa Toshie Irie Saito**, pela paciência, compreensão, boa vontade e pela firme orientação no desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, a **todos** que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

SILVA, Ivone Ribeiro da. **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso- TCC. Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Heloisa Toshie Irie Saito. Maringá, 2011.

RESUMO

A presente pesquisa objetiva discutir a relevância do trabalho de contação de histórias nas escolas de Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, de maneira que contribua para a ampliação do espaço e do trabalho efetivo dos professores com o desenvolvimento dessa prática. Acredita-se que a contação de histórias colabora para a aprendizagem das crianças, mas ainda hoje o ato de contar histórias nas escolas é tido como uma forma de distrair e acalmar as crianças sem a preocupação com seu real benefício na aprendizagem. Neste sentido apresenta-se no primeiro capítulo um breve histórico da literatura infantil no Brasil; no segundo será apresentado a história e importância da prática de contar histórias no desenvolvimento do ensino aprendizagem do aluno. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os pesquisadores que tratam da literatura infantil e da contação de histórias. Assim, espera-se contribuir para a discussão deste tema, crendo que por meio de práticas de ensino como a de contar histórias poderá a escola se tornar fonte de alegria e prazer.

Palavras-Chave: Literatura infantil; Contação de histórias; Ensino aprendizagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação de “Princesa Arabela, mimada que só ela”, de Milo Freemam, história contada com caixinhas de presente. 32

Figura 2: Apresentação de “A Girafa sem sono”, de Liliana Iacocca, história contada com pintura nas mãos, fazendo-se os gestos da girafa e dos demais personagens. 32

Figura 3: Apresentação de “Menina bonita do laço de fita”, autoria de Ana Maria Machado, história contada com bonecos de Vara. 33

Figura 4: Apresentação de “O Grúfalo”, autoria de Julia Donaldson, história contada com teatro de sombras. 33

Figura 5: Apresentação de “O Macaco e o Crocodilo”, história retirada do livro *Contos Africanos* e contada com máscaras. 34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O PERCURSO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL E A SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE SABERES.....	11
2 A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O APRENDIZADO DO ALUNO.....	20
2.1 Como contar uma história para motivar os alunos.....	27
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A atuação como contadora de história, tarefa possibilitada por um estágio remunerado realizado na Biblioteca Municipal de Maringá, no qual houve participação nos projetos de contação de histórias como incentivo à leitura, do estágio obrigatório realizado num Centro Municipal de Educação Infantil e uma experiência de formação de professores foi o ponto inicial deste estudo. No projeto de contar histórias percebemos que o ato dos professores de levar os alunos para ouvir história era uma forma de passeio, de sair da escola para ir até a biblioteca municipal. No Centro se anunciava claramente que o motivo das educadoras contarem histórias para os alunos tinha a intenção de acalmá-los ou de aproveitar os últimos minutos do dia letivo, sem que houvesse nenhuma proposta pedagógica de ensino aprendizagem nem antes, nem durante, e nem depois da contação da história. E por fim no curso de formação de professores de municípios da região de Maringá, percebe-se que valorizam a contação de história, mas ainda não tem desenvolvido por conta de não praticar.

A partir do fato presenciado surgiu o interesse de realizar um estudo sobre o tema contação de história, com o objetivo de contribuir com a discussão e um possível retorno dessa prática em sala de aula na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental, como um dos métodos importantes no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Batista (2007) afirma que as escolas algumas vezes costumam recusar um trabalho diferenciado com a leitura porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações, ou do que o currículo propõe, porque essas escolas têm dificuldade de trabalhar com o que não pode ser avaliado. Dessa maneira a literatura infantil perde sua beleza quando é vista como conteúdo avaliativo, fazendo com que o prazer dado pelo trabalho desenvolvido com a literatura se perca com a avaliação.

Em estudos realizados por teóricos que discutem a literatura infantil, a sua importância e em que ela pode influenciar, tivemos a comprovação que ela pode formar o pensamento humano e, portanto, seu benefício está para além de contar histórias para crianças. Segundo Oliveira (2009), na escola o professor ao lidar com

a literatura na sala de aula estabelece uma maior relação com a cultura do aluno, com sua realidade. E talvez pelo fato de o professor não conhecer este, e vários outros benefícios ao trabalhar com a literatura, ela deixa de receber o devido estímulo como um dos momentos significativos da aprendizagem.

Nesse sentido, vê-se a contação de histórias no âmbito escolar como uma alternativa para uma experiência positiva com a leitura, superando então a tarefa rotineira propiciada pela escola que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas e, com esse procedimento, afasta o aluno do prazer de ler.

Para debater esta questão, o trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira parte será feita uma abordagem da literatura infantil em algumas de suas fases e da sua importância no âmbito escolar como fundamental para o ensino e aprendizagem dos alunos. Na segunda parte será discutida a importância da contação de história no ensino e aprendizagem, em sala de aula para crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, e também serão abordados alguns conceitos e objetivos que se podem alcançar numa história contada e, por fim, enfatizar-se-á a postura do professor/contador e os recursos que podem auxiliá-lo na busca de um melhor aprendizado do aluno.

1 O PERCURSO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL E A SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DOS SABERES

A literatura, dentre as variadas manifestações de arte, atua de maneira mais profunda e duradoura no sentido de dar forma e de divulgar valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. Conforme Coelho (2000), ela se concretiza em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora. Para alcançar os objetivos delimitados no estudo, será necessário fazer um breve histórico dessa arte, apresentando sua importância e contribuição para o processo de ensino das crianças da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Cademartori (1987), a literatura infantil divide-se em dois momentos: a escrita e a lendária. Esta última nasceu da necessidade das mães se comunicarem com seus filhos, de contar coisas que os rodeavam. Estas histórias eram apenas contadas, não sendo registradas por escrito. A história escrita nasceu no século XVII com a reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Antes disso e resumidamente, pode-se afirmar que não havia propriamente uma infância no sentido que se conhece. Estudos históricos de Ariés (1981) evidenciam que não se diferenciava as crianças, que eram vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta, não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, e nem existia nada que pudesse ser chamado de literatura infantil escrita.

Pereira (2007) afirma o surgimento da literatura infantil escrita no século XVII, que, com a reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês foram criados e preparados livros especialmente para crianças, com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino, de forma que “Essa preparação tinha como consideração os valores e as crenças da época, com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia” (CORREIA E OLIVEIRA, 2005; AZEVEDO, 2005 apud PEREIRA, 2007).

Cademartori (1987) afirma que a literatura infantil também tinha a intenção de descrever momentos ou opiniões que não poderiam ser expostas claramente, por isso eram escritas em forma de histórias contadas pela linguagem escrita. De acordo com o autor as pessoas não eram livres para expor suas opiniões e usavam a literatura para fazê-las sutilmente.

Tahan (1961) diz que não se é possível apontar precisamente quando se deu o início da história contada, mas acredita-se que ela tenha surgido juntamente com a língua oral. Segundo o pesquisador a partir do momento que o homem percebe suas habilidades, passa a contar histórias como trabalho e arte; no trabalho, para suprir suas necessidades e, na arte, para ganhar prestígio no seu meio de convivência. De acordo com este autor, o homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam. E assim, em cada momento histórico, contar histórias tinha um objetivo: a conquista de respeito, transmissão de tradições, explicação de fenômenos naturais e aplicação de doutrinas.

A princípio, a contação de história se deu para que o homem pudesse fazer relatos de suas experiências e, conforme foi aumentando o valor que se dava para essa prática passou a perceber que se poderiam ter recompensas contando histórias, fato que denota já existir objetivos quanto ao ato de contar história.

Zillberman e Lajolo (1988) discutem a história da Literatura Infantil no Brasil e comentam que no país a literatura nasce no final do século XIX. Neste momento ainda era precária a circulação de livros infantis, apresentados em edições portuguesas, e só se iniciaram as traduções no fim desse século. Afirmam que com a extinção do trabalho escravo e com a chegada de imigrantes cresce a diversificação na população urbana; esses novos habitantes formam a existência de um público consumidor de livros infantis e escolares, gêneros que são fortalecidos pelas campanhas de alfabetização feitas por intelectuais, políticos e educadores.

As autoras ainda informam que, com a abolição da escravidão e o advento da república, percebeu-se a necessidade da formação de uma nova imagem do Brasil inserido num processo de modernização. Dessa forma, a literatura se converte facilmente em instrumento para difundir imagens da modernidade do país e teve

certa missão patriota que se manifestou de algumas formas como a exaltação da natureza brasileira (hino da pátria) e também por episódios da história do Brasil na obra “A pobre cega”, de autoria de Júlia Lopes de Almeida, entre outros. Muitos exemplares literários também exortavam à caridade, a obediência, a dedicação à família, ao trabalho, e também visões idealizadas da pobreza.

No Brasil a literatura não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo. Foi induzida, patrocinada por autores que escreveram livros para crianças no período de transição entre os séculos XIX e XX e somente com o sucesso de Monteiro Lobato e Tales de Andrade, editoras começaram a prestigiar o gênero. Mas isso não garantiu a autonomia da literatura infantil que ainda continuava sem legitimação artística, com livros voltados para o mercado escolar fazendo com que a fantasia e a criatividade fossem indiretamente disciplinadas. Dessa forma o Estado poderia controlar, de certa maneira, a publicação de livros destinados à infância.

Ainda amparados em Zillberman e Lajolo (1988) pode-se afirmar que nos anos de 1920 a 1945 privilegiava-se nos contos infantis o espaço rural, o qual era representado sob diferentes pontos de vista. Um exemplo disso eram as obras de Monteiro Lobato que tratavam em suas histórias as aventuras acontecidas no “Sítio do Picapau Amarelo”, uma das suas obras mais conhecidas, o que nos leva a crer que correspondia ao momento histórico do país, já que grande parte da riqueza econômica do Brasil provinha da agricultura.

A partir de 1945 a literatura infantil no Brasil começa a mostrar a realidade da cidade, fazendo menção ao espaço urbano, e ficando a história infantil entre dois tempos, o passado e o presente. O passado é representado pelos velhos, com os avôs, e o presente pelos jovens, e também sobre dois espaços, o rural e o urbano. De acordo com Zillberman e Lajolo (1988), a literatura infantil brasileira acompanhou o tempo histórico.

Até a década de 1950 o ruralismo predominava na literatura. A partir de então o universo da cidade se introduz nos livros para as crianças; após os anos 1970 se reproduz na literatura um Brasil moderno com representações mais críticas da realidade social. Logo a literatura se deu mais contemporânea, sua linguística se tornou mais fácil de compreensão do que os primeiros livros destinados à infância, acompanhada também pela mudança de noção de infância, e se fez uma nova

imagem da criança. Assim aparecem vozes que ressaltam a representação da infância, tornam-se mais frequentes histórias narradas em primeira pessoa, que assume o ponto de vista das crianças. O que se verificar até os dias de hoje é que as histórias da literatura infantil tratam dos interesses da criança, e são essas que são mais procuradas e afetas ao público infantil.

Desde as suas origens a literatura aparece na função de “atuar sobre as mentes”, pois no contato com ela o homem tem a oportunidade de enriquecer sua experiência de vida. O atuar sobre a mente quer dizer que ela pode decidir vontades ou ações, expande as emoções, paixões, desejos, ou seja, sentimentos de toda ordem. De modo geral, a literatura amplia e enriquece a visão que se tem da realidade de um modo específico e ao mesmo tempo permite a vivência intensa e a contemplação crítica das condições sociais.

A observação da história das culturas, da forma que foram transmitidas de geração em geração, permite verificar que a literatura foi o meio principal dessa prática e tornou possível a transmissão de valores. A forma com que foi transmitida, oral ou escrita, assegurou a herança da tradição dos antepassados, cabendo às gerações seguintes repassar esses valores e renová-los.

Quando se fala em literatura infantil, lembra-se logo de lindos livros coloridos destinados à distração das crianças. Por isso durante algum tempo, segundo Coelho (2000), a literatura infantil era tratada como um gênero menor e mesmo como um gênero secundário até há pouco tempo atrás e, por ser elaborada para crianças, foi nivelada ao brinquedo, para manter a criança entretida, quieta. No entanto, a essência da literatura infantil é a mesma da que se refere ao adulto, já que a única diferença é a natureza do seu leitor.

No século XX foi aberto um caminho para a literatura infantil por meio da psicologia experimental que revelou a inteligência como o elemento estruturado do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, demonstrando a importância de cada estágio do desenvolvimento da infância até a adolescência para a formação da personalidade do adulto. Desta forma, a psicologia experimental fez com que mudasse a noção de criança e a literatura teve que se adequar a essa nova concepção, ou seja, de permitir a comunicação com seus destinatários. Apesar de

se saber que a literatura pode formar a mente humana, é recente a sua valorização como elemento que contribui para a aprendizagem infantil.

Apesar da importância da literatura infantil, para muitas pessoas e instituições, ela não tem importante valor, pois é vista como um entretenimento para os alunos da educação infantil e séries iniciais ou como um recurso para acalmar as crianças nos momentos em que elas se encontram agitadas.

Percebe-se que os alunos não estão recebendo o estímulo adequado quando se trabalha com a literatura, nem por professores nem pelas escolas, ou seja, ela não está sendo trabalhada da maneira correta dentro das instituições de ensino, tirando a oportunidade dos alunos terem uma experiência positiva com a leitura ou com a arte, para que eles visualizem a literatura não como uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler, mas como uma atividade que lhe desperte a atenção e desenvolva o prazer de realizar as tarefas solicitadas pelo professor ou educador.

Verifica-se, a partir de observações realizadas no estágio supervisionado, que algumas escolas costumam recusar um trabalho diferenciado com a leitura, com a arte, porque primeiramente priorizam o conteúdo que integra o currículo escolar e também porque acreditam que o trabalho com a leitura e a arte se distancia dos métodos das avaliações, e as instituições de ensino têm dificuldade de trabalhar com o que não pode ser avaliado. Dessa forma, a literatura infantil vem perdendo toda sua beleza e importância na aprendizagem do aluno, pois não está sendo transmitida aos alunos como um meio de transmitir o conhecimento sem cobrança, sem exigências para com eles, sem a necessidade de cobrá-lo o que ele está aprendendo, oferecendo esse conhecimento de forma prazerosa.

A utilização errônea da literatura infantil é um dos fatores que vem impondo aos alunos formas educativas que não são aceitas por eles, pois se põe como uma avalanche de informações que carecem de organização e objetividade. Além disso, e de acordo com Góes (1994), as leituras em geral proporcionam educação moral e nas escolas os professores salientam essa instrução. Na opinião da autora deve-se evitar o tom moralista, pois a responsabilidade desse tipo de educação não é da

escola e sim do ambiente mais próximo da criança. Coelho (2000) afirma que a literatura poderia ser o eixo organizador de determinadas unidades de estudo, ou indicar caminhos para essa organização.

O estudo partilha da posição de Coelho (2000), Zilberman (1988), Goes (1994) e outros estudiosos da literatura infantil que afirmam ser esta arte uma janela aberta que permite múltiplas reflexões sobre a história do mundo, um fenômeno de criatividade, uma forma de reunir o imaginário com o real que possibilita às crianças o conhecimento de ideias, valores ou 'desvalores' da sociedade em que a mesma convive.

A criança que desde muito cedo entra em contato com a obra literária escrita terá uma compreensão maior de si e do outro, e a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar os horizontes da cultura e do conhecimento, percebendo o mundo e a realidade que a cerca. Enquanto diverte a criança o conto a esclarece sobre o seu próprio ser, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Deve-se então entender que a literatura é mais que um ato de entretenimento; é uma arte que transmite o conhecimento de maneira prazerosa:

[...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. (CADEMERTORI, 1987, p. 23).

No Brasil são poucas as crianças que têm o hábito de ler, e, segundo Lazaro e Beauchamp (2008), em nosso país a maioria da população frequenta a escola pública, as crianças somente têm o primeiro contato com a literatura apenas quando chegam à escola. E a partir daí a leitura torna-se obrigação, não um ato prazeroso, pois muito professor tem dificuldade de trabalhar com a literatura infantil em razão das exigências do ensino além de desconhecerem as técnicas que ajudam a "dar vida às histórias", e por isso deixam de contribuir com a produção de conhecimento.

Ao trabalhar com a literatura o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a

história, ele cria condições para que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história. De acordo com Abramovich é preciso

[...] ler histórias para crianças, sempre, sempre [...] É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram [...]). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) [...] É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]. ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Assim é possível a conquista do pequeno leitor através de uma relação prazerosa com o livro infantil, que mistura sonho, fantasia e imaginação numa realidade única, e o leva a vivenciar as emoções juntamente com as personagens da história, introduzindo, assim, situações da realidade.

Para Góes (1994), a literatura infantil deve influir nos aspectos da educação do aluno, nas três áreas vitais do homem: atividade, inteligência e afetividade. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, o prazer deve envolvê-los, pois a literatura é uma arte e a função da arte é dar prazer, pois se assim não for deixa de ser arte.

Coelho (2000) traz uma discussão sobre o que é realmente a literatura, se arte literária ou pedagógica. Esclarece ser esta uma discussão que já vem desde há algum tempo, pois as opiniões se divergem e em certas épocas são radicalizadas. Assim, se analisada a questão, a literatura pode fazer parte das duas áreas já que ao mesmo tempo diverte como arte e instrui como a área pedagógica, fazendo que a criança modifique a sua consciência de mundo com prazer. O estudioso ressalta que

é válido motivar as crianças para o aprendizado, pois desta forma despertará nelas mais interesse pelo conteúdo escolar e conhecimento veiculado pelo professor:

Não podemos esquecer que, sem estarmos motivados para a descoberta, nenhuma informação, por mais completa e importante que seja, conseguirá nos interessar ou será retida em nossa memória. Ora, se isso acontece conosco adultos consciente do valor das informações como não acontecerá com as crianças? (COELHO, 2000, p. 48).

O estudo sobre a importância da literatura permite entender que a sua função deve ser a de instruir a criança de forma prazerosa, divertida, emocionante e que ao mesmo tempo ensine novas maneiras de ver o mundo, pensar e criar.

Após defender a necessidade da literatura para o auxílio na aprendizagem da criança na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, Coelho (2000) traz também informações sobre a influência da literatura na aprendizagem da criança e seus estágios psicológicos. Afirma a autora que existem fatores para que se torne efetiva a relação da criança com a literatura. Entre estes fatores é necessária a adequação dos textos para cada etapa do desenvolvimento infantil.

A sugestão da autora é de que sejam respeitadas essas fases e instrui como trabalhar com a literatura em cada uma delas. O pré-leitor abrange duas fases: a primeira fase denominada primeira infância é quando a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, pelos contatos afetivos e pelo tato, quando a criança começa a conquistar a própria linguagem e passa a nomear as realidades à sua volta. Nesta fase, a literatura deve estimular o impulso natural apresentando à criança gravuras ou objetos familiares e também os brinquedos de forma que nesse momento o mundo natural e o cultural começam a se relacionar para a criança.

Na segunda fase do pré-leitor, conhecida por segunda infância, inicia-se a relevância pelos valores vitais e cresce a adaptação ao meio físico favorecida pela comunicação sócia. A influência da literatura nesta fase aprofunda a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através das atividades lúdicas, da graça, do humor e de um clima de mistério. Os livros de repetição são bastante favoráveis, e fazem a criança ficar mais atenta.

Após superar a fase de pré-leitor, a criança passa a ser um leitor iniciante. Neste momento se dá a aprendizagem da leitura, a criança já conhece os signos do alfabeto. Os livros adequados a essa fase devem ser aqueles em que há predomínio da imagem, a narrativa deve desenvolver o acontecimento e ter princípio, meio e fim. Os personagens podem ser humanos ou animais, plantas e objetos, no entanto, deverá conter argumentos que estimulam a imaginação, a inteligência e as emoções. Logo essa criança se tornará um leitor em processo, em cuja fase já domina a leitura, e a partir daí se torna um leitor fluente com a leitura já consolidada pela compreensão e, por fim, surge o leitor crítico, com domínio total da leitura e capacidade de reflexão em maior profundidade.

Nesta breve discussão, o objetivo voltou-se para o surgimento da literatura infantil e sua importância, procurou-se demonstrar o processo de sua elaboração e a intensidade em que pode influenciar na aprendizagem da criança, trazendo benefícios a ela e facilitando o trabalho do professor. A partir dessas colocações, entende-se que é necessário discorrer acerca dessa arte, mostrando como a contação de história deve ser entendida e explorada e pode ser um valioso instrumento para a transmissão do conhecimento em sala de aula.

2 A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O APRENDIZADO DO ALUNO

Nesta parte do estudo será apresentada a importância da contação de histórias infantis na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, de modo a analisar as suas contribuições para a aprendizagem, mostrando como a mesma deve ser realizada pelo professor no ambiente educativo. Defende-se que a intenção da educação da criança deve ser a de formar homens críticos, reflexivos, de maneira que venham a participar ativamente da sociedade. Dessa forma a literatura infantil contada, dramatizada e narrada contribui para o desenvolvimento dos alunos.

A partir de estudos relativos a este tema, sabe-se que a literatura infantil é de grande importância para o aprendizado da criança da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, pois é tida como uma abertura para a formação de uma nova mentalidade, que teria assim uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação.

Atribui-se ao livro, conforme assegura Coelho (2000), à palavra escrita, a grande responsabilidade de levar até as crianças uma formação consciente, pois nessa nova era de riqueza, de novas formas de informação, observa-se que a linguagem escrita está muito mais viva, e que o ato de “ler” é condição básica para que o indivíduo possa observar e entender o espaço onde vive. Portanto, valorizar a literatura se torna fundamental ao aprendizado, e ainda que pareça uma arte ultrapassada em razão das tecnologias de informação, ela é a base para se fazer a leitura dessas novidades do mundo contemporâneo. Assim, a literatura infantil quando bem trabalhada pelo professor desenvolve no aluno a capacidade de fazer uma leitura ampliada de mundo e não apenas só leitura do que está escrito nas páginas do livro, aspecto que mais se enfatiza na fase da alfabetização inicial.

De acordo com Coelho (2000) ao estudar a história das culturas e suas formas de transmissão, é possível vislumbrar a literatura como um dos meios dessa transmissão e que tornou possível a preservação das tradições culturais, cujos valores se renovaram no processo de transformação social. Por este motivo, a

literatura, ao expressar uma época histórica, garante para as gerações futuras acesso a valores, tradições, culturas dos antepassados e também o conhecimento de culturas diferentes das quais se vive.

Dessa maneira entende-se a escola como um espaço privilegiado para o contato da criança com o livro, e nesse espaço os estudos literários podem estimular o exercício da mente, a leitura de mundo, seus vários níveis, e dinamizando o estudo e conhecimento da língua. A escola hoje já não é vista como um sistema rígido, podendo-se ao mesmo tempo trabalhar com estudos programados e atividades livres, nos quais o educando irá aprender e apreender conhecimento nos dois espaços.

Enfatiza-se neste estudo a contação de histórias, já que essa prática é necessária para a aprendizagem da criança. De acordo com Coelho (2000), na infância a criança aprende com o lúdico, jogos, brincadeiras e a história contada de forma agradável faz parte desse universo e desperta o interesse do aluno para o aprendizado.

De acordo com Tahan (1961) o homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam. E assim, em cada momento histórico, contar histórias tinha objetivos que se expressavam como a conquista de respeito, transmissão de tradições, explicação de fenômenos naturais e aplicação de doutrinas.

A princípio, a contação de história se deu para que o homem pudesse fazer relatos de suas experiências, e, conforme foi aumentando o valor que se dava a essa prática, o mesmo passou a perceber que poderia ter recompensas contando histórias. Dessa forma, a contação de história passou a ter um significado além do prazer de contar história, e se tornou um meio de vida.

Na Idade Média, segundo Tahan (1961), o contador de histórias gozava de livre acesso, era respeitado em todos os lugares por contar histórias ao gosto popular, que era uma forma de reunir pessoas para entretê-las. Apesar de a linguagem oral ser vista como inferior à escrita, as pessoas se reuniam em volta de fogueiras e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus

costumes. No entanto, considerava-se que se reunir para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios.

Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Com o aparecimento da escrita, perfilam-se ao lado das histórias orais e das histórias escritas. Com a escrita a história propriamente dita surge como relatos de eventos que se acredita terem acontecido de fato, ou relatos de eventos que provavelmente eram imaginados. Acredita-se que a origem da literatura infantil nasceu dos contos populares.

Tahan (1961) afirma que a contação de histórias foi utilizada como meio de propagação das doutrinas religiosas budistas; na medicina hindu praticava-se o método terapêutico de contar uma história aos doentes desorientados, considerando a problemática psíquica do paciente, de modo que ele pudesse se orientar através da história que lhe foi contada no intuito de recuperar sua memória real. No Oriente Médio existia o narrador profissional de contos de fadas e as grandes coleções de contos de fadas indianos e turcos faziam parte da educação dos jovens príncipes. A partir do século XX, na era áudio visual, o cinema, a televisão, o computador e quase no fim do século a multimídia passaram a ser usuais na vida privada e espaços públicos. O contar histórias deixou de ser baseado exclusivamente na palavra oral ou escrita, e afirmou-se na imagem; não somente se ouve e se lê histórias, mas se assiste à sua representação áudio-visual.

Como descrito no capítulo anterior, é importante a prática oral a fim de se fazer a leitura daquilo que a imagem quer comunicar. A prática da oralidade exige que o aluno conheça o contexto no qual a história se formula, por isso é de extrema importância possibilitar-lhe o entendimento dos códigos transmitidos pela imagem.

A importância de contar histórias foi ressaltada quando se percebeu que era uma forma de transmitir a emoção da literatura. Ainda que o aluno viesse a sentir emoção ao fazer a leitura, quando a história é contada ele pode atentar aos detalhes que passariam despercebidos na leitura própria e, desenvolveria, ao mesmo tempo, naqueles que ainda não sabem ler, o mesmo sentimento de emoção, além de transmitir o que ainda não podem obter sozinhos, despertando a vontade de se apropriar da leitura. “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser

leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1997, p.16).

A partir dessa afirmação de Abramovich, entende-se que no momento em que o aluno ouvir uma história ele entrará em contato com uma realidade diferente da sua e terá acesso ao novo. Neste sentido, contar histórias leva os alunos a um mundo que só é imaginado ou desconhecido, de forma que a experiência pode ser absorvida agradavelmente, revelando-se uma estratégia para instruir e entreter. Na opinião de Batista (2007) ouvir história é uma atividade bem-vinda pelas crianças, independente de sua série.

Por esse motivo acredita-se ser grande a contribuição do contar e ouvir história na aprendizagem do aluno, tanto em valores, quanto em conteúdos escolares, já que nesta fase escolar se aprende com o que é de agrado, e contar histórias é brincar com versos, com rimas ou simplesmente com palavras. Através da oralidade é possível deslumbrar-se com a riqueza da comunicação, que é uma arte muito linda e atrai os alunos para o aprendizado.

De acordo com Abramovich (1997), contar histórias para as crianças é sempre uma maneira de sorrir com situações vividas pelas personagens, é também suscitar o imaginário, despertar curiosidade, encontrar outras ideias. Também é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, e das soluções que se vive na vida cotidiana.

A cada conto os alunos se identificam com sua vida cotidiana, ou com personagens com os quais convivem - o avó, a avô, o irmão, o cachorro, etc.-, e nos variados momentos vividos no seu ambiente social. O ato de ler, ouvir ou de contar uma história é capaz de ativar uma específica modalidade de pensamento: o narrativo. Segundo Barbosa (2008), é provável que esta forma de pensamento coexista com o pensamento lógico-científico no interior das estruturas mentais exercendo, porém, uma função diferente: ocupa-se das intenções e das ações humanas e dos resultados gerados pelas mesmas. Dessa forma, o pensamento narrativo é intrinsecamente vinculado a uma dimensão subjetiva e emotiva, e emerge em todas as situações em que o sujeito busca compreender, de modo simbólico, a realidade que o circunda. O conto, seja este oral ou escrito, seria então um produto cultural fruto dessa modalidade de pensamento, sendo, portanto,

presente desde sempre na vida dos indivíduos de qualquer tempo e cultura, pois para fazer parte de uma coletividade, “cada sujeito deve antes de tudo adquirir e partilhar o sistema simbólico do seu contexto sociocultural” (BARBOSA, 2008, p. 27).

A história contada auxilia no processo de aprendizagem, contribuindo desde o incentivo à escrita e à leitura até a noção de valores e sentimentos que estão presentes no ser humano, como valores de preservação, de respeito, caridade e sentimentos como medo, ansiedade, alegria, tristeza entre tantos que são manifestados durante a escuta de uma história. A história contada é fundamentada tanto na formação educativa quanto na formação cultural da criança, já que quando a criança ouve uma história ela se apropria de sua ou de outras culturas, enriquece seu conhecimento ainda que superficialmente, mas que no futuro terá possibilidade de buscar maiores informações, pois a sua curiosidade já foi aguçada quando num conto infantil lhe foi passada uma nova descoberta.

Através da oralidade é possível deslumbrar-se com a riqueza da comunicação, e transformar um simples relato em algo que aguça a imaginação daquele que ouve. Pode ser através de recursos mais elaborados ou através de uma simples narrativa. Contar histórias é também trocar ideias. O aluno que tem espaço para manifestar suas ideias e opiniões também é um contador de histórias.

O conto infantil é como se fosse uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança para sua formação integral, e a escola torna-se um lugar propício para articular a arte de contar histórias. Entende-se então que é na escola que se desenvolve o intelecto do aluno, e se a contação de história desenvolve a inteligência, deve-se criar na escola situações para esse desenvolvimento na medida em que esta seja uma atividade prazerosa ao aluno e assim formar crianças ativas e, conseqüentemente, homens conscientes.

De acordo com Tahan (1961), a importância da história contada se deu pela sua universalidade, de sua influência para o comportamento do aluno, dos recursos que oferecem aos educadores contribuindo para o ensinamento de conteúdos escolares e dos benefícios que poderão proporcionar à humanidade. Também ressalta o autor que se deve considerar a importância desta prática sob cinco aspectos: recreativo, educativo, instrutivo, religioso e físico. A história contada é recreativa porque diverte, e é classificada como educativa porque educa desde os

jovens aos mais velhos, pois se guarda na memória o que pode ser utilizado como um conselho ou lição de vida; instrutiva porque se colhe ensinamentos, se aprendem os significados de palavras, conteúdos de variadas disciplinas; religiosa, porque instrui que grande parte da educação religiosa é transmitida por meio de história contada, na qual a Bíblia Sagrada é a expressão de um conjunto de histórias transmitidas ao longo dos tempos; e também é classificada como física, pois, por meio de informações dadas por profissionais que trabalham com a recreação em hospitais, as histórias ajudam na recuperação de pessoas enfermas, cuja atividade se aproxima com os médicos do riso.

Tahan (1961) também faz menção ao campo educacional no qual se obtém os objetivos alcançados com a prática do contar histórias: a expansão da linguagem, o estímulo à inteligência, a aquisição de conhecimentos, a socialização, a revelação de diferenças individuais, a formação de hábitos e atitudes sociais e morais, e o cultivo da memória e da atenção e interesse pela leitura. No primeiro dos objetivos alcançados com a contação de história, o autor afirma que esta prática enriquece o vocabulário e facilita a expressão e a articulação; quanto ao segundo, desenvolve no aluno o poder criador do pensamento infantil. Já no terceiro objetivo que se refere à aquisição de conhecimento, o autor destaca que a contação de história pode alargar os horizontes do aluno e ampliar as experiências da criança; no quarto objetivo que trata da socialização, ouvindo a história o aluno se identifica com um grupo e estabelece associações; no quinto é o que facilita ao professor o conhecimento das características em seus alunos através das reações provocadas pelas narrativas; no sexto objetivo que se refere à formação de hábitos e atitudes sociais e morais, a história contada estimula bons exemplos e sentimentos e incita a vida moral; por fim, no sétimo objetivo que trata do cultivo da memória e da atenção e interesse pela leitura, segundo o autor, a história familiariza a criança com os livros, despertando para o futuro esse interesse tão necessário.

É possível visualizar a prática da contação de histórias, como auxílio para o trabalho do professor, permite formar um adulto que objetiva uma educação que vá além da aprendizagem de conteúdos escolares, e também atento às condições da sociedade. A contação de história, enfim, com as características desenvolvidas em uma audição de uma história poderá capacitar o aluno a ser um indivíduo participante, reflexivo e crítico da sociedade.

Afirma Souza (2007) que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber, desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem se manifestam.

Sobre a importância e o porquê de contar histórias na escola, Tahan (1961) afirma que há vários motivos para tal. Além dos já citados acima, também se considera importantes para auxiliar a aprendizagem o deleite que a contação de histórias provoca nas crianças, além de inculcar-lhes o sentimento de amor e de beleza, desenvolver a imaginação, a observação, o gosto artístico e para estabelecer uma ligação entre o mundo artístico e o da imaginação. No ensino da língua Tahan (1961) discorre que a história contada enriquece a experiência, dá sentido à ordem, esclarece o pensamento, educa a atenção e desenvolve a língua oral e escrita.

A história infantil tem como finalidade divertir a criança, e com este aspecto agradável e atraente pode atingir facilmente outros objetivos como o de educar e instruir. Dessa forma o aluno aprende não somente com o ensino de conteúdos, mas também com o trabalho relacionado ao lúdico. Chaves (2010) afirma, amparada pela teoria histórico cultural, que a fantasia, o mágico e o lúdico são elementos fundamentais para levar a criança a se perceber como autora de suas produções e, acredita-se, formar um homem instruído e participante da vida social.

Nas histórias encontra-se a gramática do conto: as personagens, a apresentação inicial do conto, a sucessão de ações complexas e o final; esta regularidade facilita a compreensão textual e a criação de histórias pela própria criança, contribuindo para as habilidades linguísticas em nível oral e escrito.

A iniciação literária que vem desde a infância, promovida com livros de imagens, com ou sem textos, e o trabalho com contos podem ser uma grande

alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código linguístico. Conforme Souza (2007), a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem.

2.1 Como contar uma história para motivar os alunos

O método do conto de histórias é um motivador e enriquecedor do conhecimento nas séries iniciais, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, cujas narrativas possibilitarão às crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual. Segundo Sisto (2001), o contar histórias é uma prática obrigatória para a promoção da leitura e no resgate lúdico da fantasia, o que antes era o trabalho do professor ou do bibliotecário, passou a ser apreciado pelos mais variados tipos de artistas como o cantor, o ator, músicos, poetas, surgindo com esse “frisson” a necessidade de se observar ao denominado no espaço escolar como a “Hora do Conto”, pois a escolha do lugar, na qual uma história é contada, tem o poder de envolver ainda mais o ouvinte; sendo assim, o professor também deverá cuidar em chamar a atenção da criança, o que vem a exigir do professor que também tenha uma formação para esta prática:

Contar histórias é uma arte, certamente. E nem todo o professor nasce com o privilégio desse dom [...] Entretanto, o uso de alguns recursos fará dele, se não o artista de dotes excepcionais, um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo um texto para os pequenos. (DINORAH, 1995 p.50).

Para tanto, a autora orienta ser necessário ao professor que estude a prática do contar uma história de forma divertida e que transmita ao aluno um aprendizado de qualidade, que permita o entendimento do aluno por meio das informações e conhecimentos que esteja no contexto da história, fatores que vem a exigir objetividade do professor no ato de contar a história.

O docente precisa incluir em seu planejamento curricular períodos dedicados à leitura, com o objetivo de formar crianças que gostem de ler e escrever, uma geração de leitores e escritores que possam enxergar na literatura infantil um meio de interação e diversão. Segundo Abramovich (1997) o ato de escutar contos é o

início para a aprendizagem de se tornar um leitor. Assim, oferecer estas oportunidades didático-educativas significa capacitar as crianças para que possam desenvolver todas as suas potencialidades dentro da língua materna.

Batista (2007) informa em sua pesquisa que uma parte dos professores afirma trabalhar com a literatura infantil assistematicamente, no entanto todos conhecem que atividades do gênero despertam nas crianças grande interesse, em específico a forma narrada. A autora constata que a atividade de contar histórias por estes professores não tem significado ou objetivo, pois de acordo com relatos, o contar histórias em sua sala de aula é utilizado geralmente para acalmar e controlar as crianças quando estão muito inquietas.

A narrativa da história infantil tem uma estrutura que traz uma expectativa ao receptor, cria condições que dá sentido aos fatos, pois quando a criança ainda não sabe ler ou está no aprendizado desta habilidade ainda não é capaz de unir as duas práticas ao mesmo tempo, ou seja, não consegue decifrar os códigos da leitura e entender a história ao mesmo tempo. Por isso, é necessária a mediação do professor no momento da contação da história, e se esta for contada de forma a despertar o interesse do aluno, também estará desenvolvendo sua aprendizagem.

Para se contar uma história, o professor deve conhecer a mesma. De acordo com Sisto (2001), uma história é feita na cabeça do ouvinte, pela construção de expectativas, reconhecimentos de identidade, para tanto, uma boa história é saber operar esses condicionantes de maneira a adiar e prolongar o prazer para outro tempo, e uma boa história pode fazer essa construção.

A escolha da história, se a intenção é a de trabalhar um conteúdo escolar ou mesmo para deleitar as crianças, segundo Sisto (2001), deverá seguir algumas regras quando se é necessário chamar a atenção dos alunos para se atingir o objetivo definido quando da narração da história. Para o autor é necessário escolher a história adequada ao interesse dos alunos, relacionada com coisas que eles vivem ou gostariam de viver, que seja bem construída, que forme um texto literário e que proporcione abertura para questionamento, reflexão e um debate ainda que este for interno. Ressalta Coelho (2000) que cada fase da infância tem um diferente interesse, muitas vezes independente da sua faixa etária, mas do amadurecimento do aluno, afetivo, intelectual ou do seu nível de conhecimento.

A história apresenta três movimentos e conforme Tahan (1961) é de extrema importância que o contador atente a esses, pois é necessário que a criança/ouvinte entenda a história e seus momentos. Tahan argumenta que a história possui introdução/início, enredo/meio e desfecho/fim e esses devem ser claros durante o contar da história para o entendimento e percepção da criança. A introdução apresenta a história, o momento, as personagens, o local onde acontece e os detalhes que serão lembrados durante a narração da mesma. No enredo trata do desenvolvimento da história, onde se conhece melhor as personagens; esse momento deverá envolver o ouvinte de forma que o interesse se torne maior para a chegada do fim. O desfecho traz o alívio à criança que certamente estará envolvida com as situações pertencentes à história, e poderá constatar que na maioria das vezes tudo se resolve.

Para o contador de história, esses movimentos devem ter a devida atenção, pois revela ao ouvinte a ordem em que as coisas acontecem. Também deve ser bem esclarecido, já que quando acaba a narração é que a história realmente começa, pois a história permanece no imaginário e a partir deste momento se inicia a reflexão; desta forma o professor pode explorar a história para desenvolver suas atividades. Após o contar da história, é possível realizar muitas atividades que terão a vantagem de estar “ancoradas” em um contexto significativo, favorecendo a motivação à aprendizagem.

Tahan (1961) propõe que o contador de histórias deve ter algumas características, como falar de forma adequada, clara e agradável, não se irritar com a presença de ouvinte “tirolês”, ou seja, alunos que são mais agitados, olhar para a plateia, distribuir olhares para todos os ouvintes, usar ritmos diferentes no decorrer da contação, usar pausas durante a história, explorar o silêncio, o movimento das palavras e evitar movimentos repetitivos. O contador deve ser um estudioso da história, estar atento a todos os movimentos, às palavras, deve conhecer com segurança o enredo para não correr o risco de fugir do contexto, deve também praticar a contação para que esteja seguro da arte. O contador deverá viver a história, ter expressão viva, ardente, sugestiva e usar gestos que acrescentem algo ao entendimento da história.

Conforme Batista (2007), o professor deve assumir uma postura agradável e confortável para contar sua história, organizar as crianças de forma que todos possam alcançar com seus olhares o contador. Conclui-se, portanto, que a utilização do conto de história nas atividades didáticas e educativas pode trazer inúmeros benefícios em vários âmbitos do desenvolvimento e da aprendizagem infantil. Tais atividades podem ser de familiarização com a linguagem escrita (no caso de crianças pequenas), ou do estudo sistemático dos elementos que a compõem, a fim de favorecer o desenvolvimento de habilidades linguísticas e metalinguísticas essenciais à evolução dos processos de alfabetização e de letramento.

Dinorah (1995) argumenta que o professor não nasce com um dom artístico, mas o uso de recursos fará dele um bom contador de histórias, por isso os diferentes recursos são de grande valia, mesmo quando se trata de um ótimo narrador. Na visão de Chaves (2010) o trabalho com as artes, como a musicalização, o trabalho com telas e com a literatura, a estratégia de recursos adequados possibilita levar a criança a estágios cada vez mais avançados da aprendizagem e desenvolvimento. Dessa forma, acredita-se que na contação de história o recurso leva a criança ao encantamento e assim terá o aprendizado que objetiva o professor.

De acordo com Oliveira (2009), há muitas maneiras de contar histórias, ou seja, existe uma série de recursos que podem ajudar o professor ao desenvolvimento dessa prática. A autora também apresenta algumas orientações que ela não considera como regra, mas que podem facilitar o trabalho; são técnicas que procuram estar dentro das possibilidades da escola ou do professor. Segundo ela a técnica mais eficiente é o amor, a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho. “Se o professor for um apaixonado pela literatura infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também” (OLIVEIRA, 2009).

Na orientação da autora acima, o espaço onde será realizada a contação deverá ser adequado às crianças, para que essas estejam confortáveis durante a narração da história e não sofram incômodos que poderiam perturbar o interesse pelo texto em leitura.

Em razão das propostas apresentadas pelas autoras até aqui citadas, acredita-se que os recursos, os mais variados, motivam a prática da contação de

história e facilitam a tarefa do professor no momento da narração, além de chamar mais a atenção do aluno. É uma possibilidade de estimular a imaginação do aluno, de o professor trabalhar com a diversidade, com elementos que vão desde fantoches, bonecos, dedoches, objetos utilizados no cotidiano, e até mesmo objetos utilizados num cotidiano que eles não viveram, mas que foram substituídos por outros mais modernos. Alerta-se para que o uso do recurso tenha um objetivo definido, de forma a não esvaziar o recurso; deve-se ter vida e não só beleza por beleza, assim como toda arte praticada na escola, deve existir um objetivo de aprendizagem com a prática da mesma. Um exemplo de utilização de recursos com objetivo é trabalhar com objetos antigos ou instrumentos musicais, neste caso, o professor pode ensinar após a contação a história do objeto ou do instrumento, para que este serve ou serviu.

Após apresentar a contação de história como elemento que pode auxiliar o trabalho do educador, sua importância, técnicas e recursos, ainda vale lembrar que estes são instrumentos para valorizar a prática e levar até a criança um encantamento maior que, conseqüentemente, o levará a ter mais motivação para o aprendizado. Acredita-se que são técnicas eficientes, mas é o amor e a criatividade unidos ao comprometimento e objetivo de trabalho do professor que realmente transmite o conhecimento e o aprendizado desejado. É preciso que o professor tenha afinidade com a literatura, que se encante com a história, pois somente dessa forma poderá transmitir conhecimento.

Algumas imagens de alguns dos recursos usados para uma contação de histórias serão mostradas a partir da perspectiva comentada anteriormente. Deve-se salientar que os recursos, além de serem aliados do professor no momento da contação de histórias, também auxiliam no aprendizado do aluno, pois desenvolvem sua imaginação.



Apresentação de “ Princesa Arabela, mimada que só ela”, autoria de Milo Freemam, história contada com caixinhas de presente. (Arquivo pessoal)



Apresentação de “A Girafa sem sono”, autoria de Liliana Iacocca, história contada com pintura na mão fazendo-se os gestos da girafa e dos demais personagens. (Arquivo pessoal)



Apresentação de “Menina bonita do laço de fita”, autoria de Ana Maria Machado, história contada no Teatro de Vara (Arquivo pessoal)



Apresentação de “O Grúfalo”, autoria de Julia Donaldson, história contada no Teatro de Sombras. (Arquivo pessoal)



Apresentação de “O Macaco e o Crocodilo”, história extraída do livro *Contos Africanos* e contada com o auxílio de máscaras. (Arquivo pessoal)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após enfatizar-se a história da literatura no Brasil e explicitar a importância do seu benefício para a formação de alunos, tanto na educação escolar quanto na educação social, entende-se que a mesma deveria ter uma posição de maior significado dentro do âmbito escolar. Neste sentido, e pelo que se pode observar em escolas e centros de educação, ficou evidente que o professor da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental deve ter formação continuada no que se refere à arte e à literatura, pois ainda apresenta sérias dificuldades para o entendimento das especificidades da criança, desconhecimento que se reflete no seu trabalho e interfere no aprendizado escolar.

Essa constatação e discussão da pesquisa sobre a contação de histórias permitem o entendimento sobre a sua importância e contribuição no aprendizado do aluno, além de suporte ao trabalho do professor. Ao aluno ela surge importante aos que ainda não sabem ler, já que para esses a história contada leva ao conhecimento do prazer que a prática instiga e o incentiva a fazê-la sozinho. Aos que já sabem ler, ainda que precariamente, oferece a possibilidade de se atentar ao detalhes que, por ainda estarem no processo do aprender a ler, não conseguem observar. Ao professor a contação de história se põe como uma ajuda, pois de acordo com Oliveira (2009), por meio desta o professor terá maiores possibilidades metodológicas para alfabetizar e até mesmo ensinar conteúdos específicos a seus alunos.

Este é um momento em que o professor pode trabalhar com a diversidade, fazendo disso um tempo diferenciado ao aluno que aprenderá sem que se sinta obrigado ao estudo, pois esse é o sentimento que geralmente surge quando se é proposto uma atividade ou tarefa na sala de aula.

Dessa forma e por meio das fundamentações teóricas extraídas das pesquisas de autores e estudiosos do desenvolvimento da criança, entende-se que nos primeiros anos escolares o aprendizado se dá por meio da ludicidade, e durante este estudo, pode-se ver a prática da contação de história como um momento lúdico

para a criança, e que a leva a um momento prazeroso, encantante, e, ao mesmo tempo, a um aprendizado, que se realizado apenas como um conteúdo escolar, não seria internalizado já que seria entendido pelos alunos como um tempo apenas de recreação.

Assim, nesta pesquisa a contação de história é tratada como um precioso recurso metodológico, e por meio dela pode-se levar ao aluno diferentes aprendizados para que tenha uma formação rica, tal qual desejada por profissionais preocupados com a educação escolar. Uma aprendizagem rica desde a infância permite ao indivíduo atuar na sociedade como um sujeito participante, e assim contribuir para a formação da mesma.

Espera-se que o estudo venha a contribuir para a orientação de professores que desejam trabalhar de forma diferenciada na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Mesmo que as preocupações reveladas não interfiram nas desejadas mudanças da postura da escola e do professor quanto à prática da contação de história, servirá para os que a lerem refletir sobre o problema pensar e contribuir para que seja explorado com maior ênfase na escola objetivo, cujo objetivo primeiro é sempre oferecer ao aluno um ensino de qualidade, no qual história contada desempenha papel importante.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo : Scipione, 1997.

ARIÉS, P. A família. In: _____. **Historia social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1981. p. 131-190

BARBOSA, Ana Rita de Cássia Santos. **Alfabetizando e desenvolvendo competências lingüísticas a partir do conto de estórias**. Revista Faced, Salvador, n.14, p.27-37, jul./dez.2008.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. Hora do Conto: um espaço para brincar com as palavras. In. **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAVES, Marta. Intervenções pedagógicas humanizadoras: Possibilidades de práticas educativas com artes e literatura para as crianças na educação infantil. In. **A formação do professor e intervenções pedagógicas humanizadoras**. 1 ed. Curitiba: Instituto da memória editora, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: Arte, Conhecimento e Vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000. _ (Série Nova consciência).

CUNHA, Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e Prática**. 18º ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

DINORAH, M. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOES, Lúcia Pimenta. **Introdução à literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para Crianças para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos**. 3 ed. São Paulo: Global Universitária, 1988.

LAZARO, André. BEAUCHAMP, Jeanete. A escola e a formação de leitores. In: **Retratos da leitura no Brasil**, São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró Livro, 2008.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em literatura infantil**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

PEREIRA, Maria Sueli. A importância da Literatura Infantil nas Séries Iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 6, n. 1, jun 2007. Disponível em: <http://revistas.facecla.com.br/index/reped> acessado em: 14/04/2011

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**.-- Chapecó: Argós, 2001.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.